

CRIAÇÃO NA OLARIA



CRIAÇÃO NA OLARIA

curadoria Rita Vênus

Recife, 2024

oficina
Francisco
Brennand 







CONJUNÇÕES DE CALOR

por Rita Vênus

Nesta primeira edição da residência Criação na Olaria, os artistas Fykyá Pankararu (PE) e Jorge dos Anjos (MG) foram convidados a desenvolver os seus projetos, ao longo de seis semanas, integrando-se à rotina desta fábrica de cerâmica que, desde a década de 1970, é lugar de ofício de mestres oleiros e aprendizes colaboradores do artista Francisco Brennand (1927-2019). Juntos, ao longo dos anos, eles experimentaram e criaram saberes e técnicas próprias da mistura, da modelagem, dos esmaltes, da pintura e da queima do barro. Enquanto Francisco esteve presente, esses processos foram conduzidos pelo próprio artista. Agora, com uma equipe que dá seguimento ao seu legado artístico nas peças utilitárias e decorativas, a Oficina reabre as portas dos seus espaços de produção (Olaria, Decoração e Serralharia), para que outros artistas possam conviver, criar e aprender mutuamente junto a esses mestres.

Reaquecendo a cerâmica em braseiro, a obra de Jorge dos Anjos dá continuidade às suas práticas de *gravadura*, incorporando o elemento cerâmico em conjugação ao ferro e ao fogo, criando objetos que, antes mesmo de seu caráter de obra, têm a utilidade de ferramentas que conduzem calor em marcações sobre o feltro de lã de carneiro.

Nas suas formas, o artista reúne desenhos para cobogós criados por Helcir Almeida, o mais antigo funcionário da Oficina, e extensões metálicas feitas por Edmilson da Silva, serralheiro, e amalgamadas por formações como serpentes, muito próprias a este lugar, bem como às simbologias dos orixás que sempre compuseram a poética de Jorge.

Já mirando o céu e a disposição dos corpos celestes em conjugação no Cinturão de Órion, Fykyá Pankararu levanta, em barro, quatro seres encantados do seu povo para a criação de um museu a céu aberto no território Pankararu, no sertão de Pernambuco. São eles: a Mãe D'água, a ser posicionada na aldeia Brejo; o Menino do Rancho, ser que se aproxima da forma humana e que ocupará a aldeia Caldeirão, uma das mais áridas de Pankararu; e os Praiás, encantados do ar. Um desses Praiás vai ocupar a aldeia Agreste, pico mais alto e ventilado do território;

outro ganhará firmação junto à muda de Imburana, plantada na Oficina, em 2023, pelo artista Edson Barrus.

Os estados de conjunções mediadas, em grande parte, pelo aquecimento dos fornos e do braseiro – e da fumaça do campião – parecem ter desenhado as aproximações nesta permanência. Num ajuntamento total dos corpos, e também na tentativa resvalada de avizinhá-los, é que os saberes se multiplicam e podem, assim, se coabitarem, resultando numa contaminação viva de calor, conjunções físicas elementais que só o fogo sabe como encantá-las.

RITA VÊNUS

(Brejo da Madre de Deus, PE, 1993)

É curadora de cinema e artes visuais. Desde 2021, integra a equipe de curadoria da Oficina Francisco Brennand, no Recife. Foi curadora do Festival Janela Internacional de Cinema do Recife (2022-2023) e do FestCurtasBH – Festival Internacional de Curtas de Belo Horizonte (2021-2023). Foi júri do 8º Prêmio de Artes do Instituto Tomie Ohtake (2022).

PROCESSO













O BARRO AINDA HÁ DE FALAR

por Ariana Nuala

Ainda não se findam os relatos, entre visitantes das artes ou de outros campos, que se impressionam com a dimensão da Oficina Francisco Brennand. Olhares curiosos percorrem os variados tipos de cerâmica presentes neste espaço, que outrora foi uma fábrica¹ com um museu e, como relembra Aldair Barbosa – uma das funcionárias mais antigas da Oficina e coordenadora da Olaria e Decoração –, agora é um museu que também tem uma fábrica.

¹ Em 1971, Francisco Brennand conheceu as ruínas da antiga fábrica Cerâmica São João, dedicada à produção de telhas e tijolos. Ao herdar o espaço do pai, o artista o transformou em seu ateliê, revitalizando ainda a sua função original, ao desenvolver uma metodologia própria para revestimentos cerâmicos e peças utilitárias e decorativas. Hoje, em 2024, a Oficina Francisco Brennand continua a produzir essas peças, inspirando-se nos padrões deixados pelo artista e com o acompanhamento do desenhista Helcir Almeida, seu amigo e colaborador ao longo de mais de cinco décadas.

Texturas, cores, formas e experimentos com diversas materialidades envolvem a construção deste lugar. Saberes guardados ali, antes pouco falados, mas que fervilhavam entre mestres do torno, da modelagem, da esmaltação, da queima, do desenho, entre outros. Em 2021², pela primeira vez, a Olaria da Oficina acolheu artistas que puderam criar neste mesmo local que outrora foi o templo do artista Francisco Brennand, tornando-se palco para novas criações e diálogos, onde o barro continua a ser um elemento fundamental na transmutação das coisas.

Reafirmando seu caráter museológico, como nos diz Aldair Barbosa, a partir dessa inversão entre fábrica/museu para museu/fábrica, a Oficina inaugura um olhar formativo, voltado tanto para as mãos que moldam a Olaria e a Decoração, quanto para artistas de diferentes partes que encontram ali um campo fértil para aprofundar suas investigações. No espaço, as trocas entre técnicas e colaborações conceituais fluem organicamente com a equipe,

² A Residência Cultural “Moldar o existir: Vivências mediadas pelo barro”, realizada pela Oficina Francisco Brennand, em 2021, teve o barro como eixo central de suas investigações conceituais. Entre os participantes, quatro se dedicaram a uma imersão profunda na Olaria: Maria da Cruz, também conhecida como Maria de Ana (PE), AORUAURA (PE), S. Ômega (PE) e Antônio Pulquério (SP).

que transforma o saber acumulado em novos gestos e narrativas, nos quais o barro se converte em memória viva, ecoando o passado e esculpindo outros possíveis horizontes.

Neste sentido, iniciativas como a Criação na Olaria são essenciais, pois transformam não só as proposições dos artistas participantes, mas também evocam novos desafios para toda a equipe, que incluem gestão de pessoas e de programas. Esses projetos traçam caminhos que impulsionam uma profunda reflexão dentro da Oficina, começando pela curadoria cuidadosa das pessoas envolvidas e pelo desejo de aproximar práticas tão distintas. Esse movimento reverbera, de forma sutil, entre outros artistas locais que se conectam às conversas públicas do programa.

No início de agosto de 2024, sob as influências das forças que anunciam este mês e que é rememorado em diversos territórios sagrados, Fykyá Pankararu e Jorge dos Anjos chegaram à Olaria da Oficina Francisco Brennand, convidados para uma residência de seis semanas nesse ambiente de criação.

Jorge dos Anjos, conhecido por seu trabalho icônico com símbolos afro-diaspóricos esculpidos em aço, propõe agora

um diálogo encantado entre o barro e o ferro, dando origem a carimbos cerâmicos que materializam esse encontro. Nesse processo, ele vislumbra também a criação de um totem em cerâmica esmaltada, erguido com a robustez visual que caracteriza sua trajetória e impregnado de influências espirituais, especialmente das entidades da Jurema Sagrada, religiosidade que ele conheceu durante o seu tempo no Recife.

Reconhecido por suas intervenções públicas, especialmente em espaços abertos de Belo Horizonte, cidade onde vive e trabalha, Jorge construiu uma poética própria, atravessada pela linguagem construtivista, mas que se expande para além dela. Seus traços se nutrem das lições de mestres como Amilcar de Castro, seu professor, mas encontram nas raízes africanas e afro-diaspóricas uma pulsão vital. Facões e machados, símbolos de guerras, inventos e tecnologias emergem em suas obras, ora nítidos, ora velados nas tramas que ele tece, enriquecendo o léxico visual que criou.

O fogo e o ferro sempre guiaram suas mãos, até mesmo quando experimenta a delicadeza das esculturas em pedra-sabão, como as expostas no Museu Afro Brasil Emanuel Araújo, em São Paulo, em 2022. As chamas de Xangô e a forja de Ogum acompanham

seu processo criativo, divindades que dialogam com o calor e a transformação, presentes tanto no aço quanto no barro.

Na Oficina Francisco Brennand, Jorge dos Anjos revive suas obras *Queimados* ou *Gravaduras*, com as quais vem trabalhando há vários anos e, nessas criações, o ferro quente, em sua força bruta, marca o feltro num gesto corporal que carrega memórias ancestrais. Nas mãos de Jorge, esse gesto ganha novo sentido: o ferro já não evoca os brasões coloniais gravados nas peles dos escravizados, mas invoca símbolos de resistência, força e encantamento. Durante sua residência, o artista escolhe forjar essas ferramentas em cerâmica, com hastes de ferro, ampliando suas possibilidades de impressão e evocando, ao mesmo tempo, a ancestralidade da Olaria, onde o barro se molda, trazendo consigo a memória da terra e do fazer.

Por sua vez, Fykyá Pankararu se desdobrou em um projeto onde o barro, moldado pelas mãos do artista, carrega em si a memória de seu povo, reconectando a uma linhagem de louceiras Pankararu, porém descobrindo, no fazer cerâmico, outras formas que se traduzem em figuras de encantados e no sussurro dos elementos da natureza. As três esculturas

em grandes dimensões, cada uma impregnada com a força primordial da terra, da água, do ar e do fogo, não são apenas representações; são portais que conectam passado e presente, visível e invisível, o tangível e o encantado.

A Mãe D'água, fluida e misteriosa, guarda o fluxo das águas e os segredos dos rios. O Praiá, ser do ar, sopra histórias antigas, enquanto o Menino do Rancho, enraizado na terra, lembra a simplicidade e a força do que cresce e resiste. E entre todas, a Cantadeira-Rezadeira Tradicional eleva sua voz, reunindo, em canto, as memórias de um povo que, através dessas imagens, reencontra a si mesmo, reafirmando sua identidade e ancestralidade.

Essas esculturas são mais do que obras; são pulsações de vida que reverberam no chão da aldeia Brejo dos Padres, onde o artista vive. Ao serem levadas de volta ao território Pankararu, elas não só retornam ao seu berço, mas se tornam imagens importantes para o não esquecimento dessas entidades, como também formam os olhares de outros artistas dentro do território. No museu a céu aberto, não há esterilidade e apatia, não há limites para o vento que leva consigo as histórias cantadas e esculpidas. Cada peça, única em sua forma,

ecoa o sentimento de pertencimento, como um canto antigo que atravessa o tempo, lembrando que a história está ali, sempre presente, aguardando o toque, o olhar, a memória.

Nesse ato, Fykyá não apenas cria arte; ele tece um fio invisível que une a materialidade do barro ao etéreo da alma. O barro, que antes dormia no ventre da terra, desperta em formas vivas, carregando consigo a sabedoria dos ancestrais. O tempo, em suas curvas, se dobra sobre si, e ao contemplar essas figuras, o povo Pankararu não vê apenas o passado, mas se reconhece no eterno presente, no qual sua história continua a florescer.

É, assim, nestes encontros e mais que num conjunto de esculturas – é um território poético, onde o barro ganha voz, e o silêncio da terra se transforma em canção. O barro ainda há de falar, ou você que não ouviu.

São Paulo, setembro de 2024.

ARIANA NUALA

(Recife, PE, 1993)

É curadora, educadora e pesquisadora. Seu trabalho envolve práticas com coletivos artísticos para discutir dinâmicas de poder, impermanência e diáspora. Ela combina estratégias que surgem do corpo para seu exercício na escrita, moldando sua prática curatorial de forma poética. Tem formação em Lic. em Artes Visuais pela UFPE e é mestranda em História da Arte na UFPB, com experiências acadêmicas na UNAM e CLACSO. Atualmente, é curadora e pesquisadora do Museu Afro Brasil Emanuel Araujo. Ocupou o cargo de Gerente de Educação e Pesquisa na Oficina Francisco Brennand (2023-2024), instituição onde foi curadora (2021-2023).











CRIAÇÃO NA OLARIA

CURADORIA Rita Vênus

ARTISTAS RESIDENTES Fykyá Pankararu
Jorge dos Anjos

OLARIA E DECORAÇÃO Aldair Barbosa (coordenação), Ailton da Silva,
Claudemir Brandão, Eliane Gomes, Emerson dos Santos,
Gabriel Andrade, Isaías Ferreira, Nilson dos Santos,
José Santana, Kayo Cardoso, Leonardo da Silva,
Lucas de Santana, Luís Carlos de Melo, Moisés Dias,
Rafael Câmara, Raimundo Nonato, Sergio Vieira,
Tiago de Andrade.

SERRALHERIA Edmilson da Silva

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO Adah Lisboa

FOTOS E VÍDEOS Chico Ludermir

ENSAIO COMISSIONADO Ariana Nuala

ASSESSORIA DE IMPRENSA Dupla Comunicação

OFICINA FRANCISCO BRENNAND

PRESIDÊNCIA Marcos Baptista Andrade

DIREÇÃO DE OPERAÇÕES E FINANÇAS Cristina Luna

GERÊNCIA ARTÍSTICA Olívia Mindêlo

GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO
E PESQUISA Carlos Lima

COORDENAÇÃO DE ACERVO Camila Maria Santos
Marinez Teixeira

LEGADO ARTÍSTICO Helcir Roberto de Almeida

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO Julio Cavani

COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVO/
FINANCEIRA Vânia Campos

COORDENAÇÃO DE OPERAÇÕES Rodrigo Macêdo

DESIGN GRÁFICO Filipe Aca



oficina
Francisco
Brennand

